

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1364 - 10/10/2016 a 16/10/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

SEGURO RURAL

GARANTIA CONTRA AS INTEMPÉRIES

AGRINHO

Um relato das
Experiências Pedagógicas

PANORAMA

Batatas o ano inteiro

www.sistemafaep.org.br

Enfim uma notícia que elimina um problema que poderia ser contabilizado a nossas atividades. Temos que reconhecer que, se não fossem nossos deputados da bancada ruralista na Assembleia Legislativa, os produtores seriam onerados com mais taxas: no uso da água e de recursos minerais que são matérias-primas de uma série de produtos que afetariam diretamente a agricultura. A lei foi sancionada pelo governador Beto Richa e estamos isentos de mais um imposto.

Na última semana foi assinado convênio com o Governo do Estado para o recolhimento e destinação de mais 225 toneladas de BHC (Hexaclorobenzeno) de propriedades rurais no Paraná. O Sistema FAEP/SENAR-PR participa do projeto desde quando ele começou em 2009, entendendo sua importância.

A contratação de seguro rural cresceu no Brasil em função das ocorrências de fenômenos climáticos e os produtores paranaenses são os que mais contrataram.

A semana foi movimentada na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR com a presença das professoras convidadas para a segunda fase do Concurso Agrinho que vieram defender suas experiências pedagógicas junto a banca avaliadora. Agora é aguardar o evento do dia 24 para sabermos os nomes das vencedoras.

A batata é a cultura do Panorama Agropecuário desta semana. O enorme leque na forma de consumo coloca a batata como um dos produtos do agronegócio mais requisitados pelas indústrias e consumidores. Saiba mais sobre esse e outros assuntos nas páginas desta edição.

Boa leitura!

Índice

Água	03
Conjuntura	05
Seguro Rural	08
Leite	12
O assunto é	14
Entrevista	16
BHC	18
Agrinho	20
Notas	25
Panorama Agropecuário - Batata	26
Eventos Sindicais	29
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editora:** Cynthia Calderon | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1364: Fernando Santos, Milton Doria, Giuliano Gomes, Noppasin / Shutterstock.com, Gilson Abreu, Divulgação e Arquivo FAEP

Lei nº. 18.878/ 2016 isenta produtor de pagar pelo uso da água

Medida atende solicitação da FAEP e Ocepar



Entidades paranaenses se reuniram para pedir o cancelamento da cobrança da água

Os produtores rurais do Paraná estão isentos das taxas de controle, acompanhamento e fiscalização do uso de recursos hídricos e minerais. A Lei nº 18.878/ 2016 que trata do tema foi publicada no Diário Oficial do dia 30 de setembro.

A medida atende solicitação da FAEP e do Sistema Ocepar que estiveram em reuniões e audiências públicas com as lideranças do governo na Assembleia Legislativa, com o secretário da Fazenda, Mauro Ricardo Machado Costa, e com o governador Beto Richa, sensibilizando-os sobre os prejuízos que a medida traria para a produção agropecuária e para as agroindústrias do Paraná. O Projeto de Lei nº 434/2016 foi aprovado pelos deputados estaduais, junto com outras propostas que promovem o ajuste fiscal. Os projetos receberam 154 emendas em plenário, sendo que 20 emendas foram aprovadas pelos parlamentares, entre elas a isenção de produtores rurais na cobrança da taxa de água.

“A isenção das atividades agropecuária, comercial e industrial é uma medida sensata e demonstra que nossos deputados estão preocupados em estimular a produção do Estado. O impacto para o

produtor seria muito alto em contrapartida o retorno para os cofres públicos seria insignificante”, avalia o presidente do Sistema FAEP, Âgide Meneguette.

A legislação também isenta as pequenas centrais hidrelétricas do estado da cobrança da água. A lei também isenta da cobrança de taxa de controle, monitoramento e fiscalização das atividades de pesquisa, lavra, exploração e aproveitamento de recursos minerais como a lavra e a exploração de calcário, argilas, areias, britas, pedriscos, saibros, talcos, feldspatos. São matérias-primas de uma série de produtos que afetariam diretamente a agricultura.

Outro Projeto de Lei que passou pela Assembleia e também foi sancionado é o de nº 433/2016 que dispõe sobre o processo administrativo fiscal, o conselho de contribuintes e recursos fiscais, definindo composição e competências. Entre as alterações, a indicação de integrantes do Conselho de Contribuintes poderá ser feita, por exemplo, pela FAEP, Federação do Comércio, Federação das Indústrias e Associação Comercial do Paraná. O projeto foi aprovado na Assembleia com oito emendas.

Situação das Safras no Paraná

Confira as condições da safra 2015/16 de trigo, e da safra 2016/17 para soja, milho, feijão, batata, cebola e mandioca

Por Fernando Aggio e Cristopher Azevedo - engenheiros-agrônomo do DTE/FAEP



SOJA

A previsão de plantio de soja para a safra 2016/17 é de 5,25 milhões de hectares, 1% menor que a safra 2015/16, de acordo com o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab). Cerca de 27% da área prevista estão plantadas, com 76% no estágio de germinação e 24% em desenvolvimento vegetativo. A redução deve principalmente a um pequeno aumento da área de plantio de milho. A cultura apresenta boas condições de desenvolvimento.

A produtividade estimada é de 3.491 kg/ha, 12% maior que a safra anterior. A produção esperada é de 18,31 milhões de toneladas, sendo 11% maior que a produção obtida na safra 2015/16. As estimativas de produção e produtividade podem sofrer variações significativas caso o fenômeno La Niña esperado para esta temporada tenha uma forte intensidade e a distribuição das chuvas ocorra de forma irregular.

MILHO 1ª safra

A previsão de área plantada do mi-

lho 1ª safra é de 486.715 hectares, 18% maior que a safra anterior que foi de 413.775 hectares. A produtividade esperada é de 8.739 kg/ha, sendo 9% maior que a safra anterior. A expectativa de produção é de 4,25 milhões de toneladas, apresentando um aumento de 29% em relação à safra 2015/16.

O plantio da safra já iniciou e está com 68% da área prevista já plantada. Cerca de 34% das lavouras estão no estágio de germinação e 66% em desenvolvimento vegetativo, sendo que 97% das lavouras apresentam boas condições de desenvolvimento e 3% condições médias.

TRIGO



A safra de trigo 2016 tem uma área estimada em pouco mais que 1 milhão de hectares, sendo 19,5% menor que a safra 2015. A produção esperada é de 3,25 milhões de toneladas, 1% menor que a produção de 2015. Estima-se a produtividade em 3.052 kg/ha, 24% maior que a da safra passada.

As lavouras estão com 54% da área no estágio de maturação, 31% em frutificação, 13% em floração e 2% em desenvolvimento vegetativo. Quanto às condições das lavouras, 88% estão em boas condições de desenvolvimento, 11% em médias e 1% em situação ruim. Nas regiões Oeste e Norte a colheita já teve início e 54% da área já foram colhidas. Na região Centro-Sul a colheita terá início em meados de outubro.

FEIJÃO 1ª safra



A previsão de área plantada de feijão 1ª safra é de 197.883 hectares, 7% maior que a safra anterior. A produtividade é estimada em 1.871 kg/ha, sendo 14% maior que a safra anterior e a expectativa de produção é de 370.170 toneladas, apresentando um aumento de 26% em relação a safra 2015/16.

Da área de plantio estimada, 55% já foram plantadas sendo que 26% das lavouras estão em estágio de germinação e 74% em estágio de desenvolvimento vegetativo, sendo que 94% das lavouras apresentam boas condições de desenvolvimento e 6% em médias. As lavouras de feijão podem ser afetadas negativamente pelos efeitos da La Niña, caso o fenômeno ocorra com forte intensidade e com chuvas mal distribuídas.

BATATA 1ª safra



A 1ª safra de batata 2016/17 que deve estender o plantio até outubro, aponta uma área produtiva de 17 mil hectares, 1% menor que o mesmo período 2015/16. Porém, espera-se um aumento de 7% na produção, que deve chegar a 490,7 mil toneladas, com produtividade média de 28.761 kg/ha. A escassez de chuva no mês de setembro obrigou alguns produtores a irrigar as áreas onde a batata estava mais desenvolvida.

A 2ª safra 2015/16 de batata está praticamente finalizada, restando apenas 2% da área a ser colhida e comercializada. A expectativa é de uma produção de 317 mil toneladas, 12% menor comparado ao mesmo período 2014/15.

CEBOLA



Para safra de cebola 2016/17 é prevista uma redução de 14% da área, que deve ser de 4.525 hectares, com expectativa de produção de 110,3 mil toneladas, 9% maior que a safra anterior e produtividade de 24.378 kg/ha.

Diferentemente da safra anterior, o clima vem ajudando e as lavouras de cebolas estão se desenvolvendo bem. A colheita deve iniciar a partir da segunda quinzena de outubro, porém os preços não estão atrativos ficando abaixo do custo de produção. Na safra anterior houve quebra de produção devido ao excesso de chuvas, fazendo os preços subirem devido a queda de qualidade e menor oferta do produto.

MANDIOCA



Para a safra 2016/17 de mandioca estima-se uma área plantada de 109,8 mil hectares, 18% menor que na safra anterior. A produtividade esperada é 7% menor, passando de 28.088 kg/ha para 26.246 kg/ha. Essas reduções de área e de produtividade projetam uma produção 23% menor, totalizando 2,8 milhões de toneladas.

A mandioca teve um período de baixa nos preços em 2015, o que pode explicar a redução da área plantada. As áreas destinadas a raiz de segundo ciclo estão sendo finalizadas em setembro e alguns produtores estão aguardando que o preço melhore ainda mais para comercializarem o pouco que resta. Devido à demanda das indústrias continuarem firmes na segunda quinzena de setembro, o preço da mandioca passa por uma ligeira melhora. Na região de Paranaíba, o grama do amido e o produto está sendo negociado a R\$ 0,80, 20% maior que os preços praticados na primeira quinzena de setembro que ficaram em média R\$ 0,66.

Estimativa de Área, Produção e Rendimento da Safra 16/17

CULTURA	ÁREA (mil ha)			PRODUÇÃO (toneladas)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	15/16	16/17	%	15/16	16/17	%	15/16	16/17	%
SOJA	5.285	5.245	-1	16.508.739	18.308.210	11	3.129	3.491	12
MILHO 1a. Safra	414	487	18	3.304.578	4.253.410	29	7.992	8.739	9
FEIJÃO 1a. Safra	185	198	7	294.014	370.170	26	1.635	1.871	14
BATATA 1a. Safra	17.206	17.062	-1	459.335	490.721	7	26.696	28.764	8
MANDIOCA	133.222	109.859	-18	3.741.954	2.883.305	-23	28.088	26.246	-7
CEBOLA	5.268	4.525	-14	101.204	110.310	9	19.583	24.378	24

Fonte: SEAB/DERAL. Elaboração: DTE/FAEP

Estimativa de Área, Produção e Rendimento da Safra 15/16

CULTURA	ÁREA (mil ha)		%	PRODUÇÃO (toneladas)		%	RENDIMENTO (kg/ha)		%
	14/15	15/16		14/15	15/16		14/15	15/16	
TRIGO	1.346	1.084	-19	3.284.761	3.245.016	-1	2.448	2.995	22

Fonte: SEAB/DERAL. Elaboração: DTE/FAEP

Preços Médios recebidos pelos produtores

PRODUTO	VALORES (R\$)		VARIACÃO	PREÇO EM
	set/15	set/16		03/10/16
Soja	68,30	66,40	-2,8%	66,27
Milho	23,04	31,49	36,7%	32,24
Feijão de cor	123,69	339,14	174,2%	337,55
Feijão preto	92,10	205,39	123,0%	210,11
Trigo	34,02	38,63	13,6%	36,42
Batata (sc 50kg)	69,53	90,00	29,4%	90,00
Cebola (sc 20kg)	38,62	13,00	-66,3%	13,00
Mandioca (ton)	141,32	414,57	193,4%	476,00

Fonte: SEAB/DERAL; CEASA. Elaboração: DTE/FAEP



Lavouras protegidas contra chuvas e trovoadas

Fenômenos climáticos impulsionam a contratação de seguro rural. Desta forma, em caso de perdas, o produtor mantém o poder financeiro para investir nas safras seguintes

Por Carlos Guimarães Filho

Considerada uma indústria a céu aberto, o agronegócio está sujeito a chuvas e trovoadas. Muitas vezes, por mais que o produtor rural realize o plantio de forma correta e invista em tecnologias, os fenômenos climáticos podem comprometer o resultado de uma safra inteira, impactando diretamente no capital necessário para investir na temporada seguinte.

O Brasil perde anualmente mais de R\$ 11 bilhões devido aos riscos extremos (secas e chuvas excessivas), o que corresponde a 1% do PIB agrícola, conforme estudo do Banco Mundial. De acordo com informações da Preventionweb, plataforma participativa de redução de risco de desastres no mundo mantida por entidades ligadas a Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil é o 13º país mais vulnerável do mundo no quesito enchente e o 18º a contabilizar prejuízos econômicos por conta das chuvas.

Desta maneira, diante do bom (ou mau) humor de São Pedro, resta aos produtores buscarem a maior segurança possível para as lavouras. Entre 2006 e 2014, segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o número de apólices de seguro rural subvencionado cresceu 440%, de 21,7 mil para 118,2 mil, com quase 10 milhões de hectares protegidos. No ano passado, houve queda, para 40,5 mil apólices, por conta dos entraves na liberação de recursos por parte do governo federal. Em 2017, o orçamento previsto é de R\$ 400 milhões para o seguro rural, mesmo recurso de 2016.

73,5

mil propriedades, em diversas regiões do país, foram beneficiadas com seguro rural em 2014, contra apenas 16,4 mil em 2006.

Durante este intervalo de tempo (2006-2015), os produtores paranaenses foram os que mais contrataram seguros subvencionados, 30% dos 420 mil benefícios, seguidos pelos gaúchos, 22%; paulistas, 14%; e catarinenses, 10%. Apesar de ser um Estado com perfil agrícola, Mato Grosso aparece no final da lista com apenas 3% do número de beneficiários. Entre as culturas, a soja, carro chefe do agronegócio nacional, é a atividade mais beneficiada com 35% dos contratos. Trigo e milho verão aparecem, empatados, na sequência com 12% e o milho safrinha com 9%.

O produtor Júlio César Palma, de Realeza, no Sudoeste do Paraná, faz parte destas estatísticas. Envolvido com a atividade há mais de três décadas, somente nos últimos três anos passou a contratar seguro rural. A mudança de filosofia ocorreu como desdobramento das consecutivas perdas no campo. Na safra 2004/05, por exemplo, Palma viu a produtividade da sua lavoura de soja despencar de 65 sacas por hectare, média da região, para 20 sacas em função da estiagem.

“Nunca fiz seguro porque não confiava muito. Por vários anos, contabilizei perdas por conta de veranicos nas safras de verão e

geada com o trigo. Como os custos aumentaram bastante, passei a fazer para garantir”, conta o dono de uma propriedade de 500 hectares dedicados aos grãos.

Para especialistas de mercado, esse impulso na contratação do seguro rural é reflexo do aumento nos registros dos fenômenos climáticos e as consequentes perdas causadas nas lavouras. Fatores como o programa de subvenção do governo federal, que paga parte do custo do seguro, e a melhoria das condições de coberturas por parte das seguradoras também pesam na balança.

“Com as constantes ocorrências de adversidades climáticas, os produtores têm procurado a proteção oferecida pelos seguros rurais como uma forma de permanecerem na atividade, investindo com mais segurança de retorno e de condições de pagar suas dívidas, mesmo em safras com perdas significativas de produção”, explica o consultor especialista em seguro rural Luiz Antônio Digiovani.

A extensão da agricultura brasileira, presente em maior ou menor escala nos 26 Estados e no Distrito Federal, eleva o índice de risco com perdas. Mesmo com o plantio na época indicada no calendário agrícola e

9,96

milhões de hectares estavam protegidos em 2014. Oito anos antes, apenas 1,56 milhão de hectares.



o uso da melhor tecnologia disponível no mercado, as quebras de produtividade por conta de eventos climáticos ocorrem praticamente em todas as safras em ao menos uma região do país.

No Paraná, segundo maior produtor nacional de grãos, o excesso de chuva por conta do El Niño comprometeu parte da safra passada. O Estado colheu 35,6 milhões de toneladas de grãos, 6% a menos em relação à temporada anterior, 38 milhões de toneladas. As culturas mais prejudicadas foram feijão, milho e soja. No Norte do Mato Grosso e na região conhecida como Matopiba, que reúne os Estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, chuvas abaixo da média derrubaram a produtividade das lavouras.

“O produtor pode fazer tudo que manda a assistência técnica, mas, depois que coloca a semente, fica vulnerável, a mercê do tempo. Os agricultores estão começando a se atentar para esse detalhe, se precaver. Tempos atrás, não existia isso”, contextualiza o meteorologista Luiz Renato Lazinski, do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

Conforme levantamento do mercado segurador, as perdas provocadas por chuvas excessivas ou por períodos de seca prolongada representam 80% das indenizações pagas pelas seguradoras. Somente na safra 2015/16, as companhias pagaram R\$ 1,1 bilhão em reembolso aos produtores de grãos em função das perdas de produ-

18°

É a posição do Brasil no ranking mundial de países com prejuízos econômicos por conta das chuvas.

vidade por problemas climáticos, conforme dados da Federação Nacional de Seguros Gerais (FenSeg).

O produtor Felipe Cruz, de Guarapuava, no Centro-Sul do Paraná, aprendeu da pior forma possível a importância do seguro rural. Em 2014, uma chuva de pedra comprometeu 100 hectares da lavoura de feijão, que não estava assegurada. O prejuízo, con-



INUNDAÇÃO E ALAGAMENTO

2.694



ESTIAGEM E SECA

1.746



VENDAVAL E CICLONE

381

Números de fenômenos climáticos registrados no Brasil entre os anos de 2010 e 2014. Os eventos são contabilizados somente quando a Defesa Civil é acionada.

80%

das indenizações pagas pelas seguradoras são em função de perdas provocadas por chuvas excessivas ou períodos de seca prolongada.

siderando os custos com preparo da terra, maquinário para o plantio, sementes e mão de obra, chegou a R\$ 120 mil.

“Na época, eu precisei usar o lucro de outra lavoura para pagar os compromissos financeiros. Desta forma, fiquei um ano sem lucro”, relembra o produtor, que desde então contrata seguro para as culturas de cebola, feijão e batata. “Como o plantio é financiado, não podemos correr o risco, pois não tem como pagar depois. Depois do ocorrido, nunca mais deixei de fazer”, acrescenta Cruz, lamentando que a contratação da ferramenta na região ainda não é algo comum.

“Os produtores estão percebendo, que em caso de frustração de safra, a renegociação de dívidas é um paliativo que não resolve todo o problema. Nessa situação, o agricultor tem que utilizar parte do seu lucro de cada safra para o pagamento da dívida da temporada com quebra”, reforça Digiovani. “Com o seguro, o produtor está mais amparado e mesmo em um ano com perdas climáticas, pode permanecer investindo na sua atividade”, acrescenta.



Alagamento é uma das principais causas de perdas agrícolas

Apesar do aumento da adesão dos produtores nos últimos anos, o setor ainda identifica que existe bastante espaço para avançar na proteção das lavouras brasileiras, principalmente por meio da melhora do acesso ao seguro rural. “Tivemos avanços nos últimos anos, mas ainda precisamos aprimorar algumas questões como a oferta de produtos pelo mercado segurador para as diferentes realidades regionais e perfis de produtores e maior empenho do governo federal, fundamental para o processo, principalmente com horizonte para o programa e a certeza da disponibilidade de mais recursos orçamentários para ampliar o acesso de mais produtores ao seguro rural”, ressalta o economista Pedro Loyola, coordenador do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP.

Por conta do aumento da procura por parte dos produtores, nos últimos anos, as próprias seguradoras têm procurado se especializar no mercado de agronegócio, ampliando o número de modalidades de seguro. “Os produtos oferecidos têm apresentando uma qualidade de proteção cada vez melhor, atendendo aos anseios dos produtores e das instituições que os representam”, elogia Digiovani.

Dentro deste contexto, as palestras sobre previsões climáticas do meteorologista do Inmet passaram a ser mais requisitadas pelas seguradoras. “Antes, esse papel era realizado pelas cooperativas e sindicatos rurais. Hoje, realizo diversas palestras sobre clima a convite de seguradoras, tanto para os colaboradores como para os produtores.”



Fonte: Terra Brasis

Paraná é o segundo na produção láctea

Segundo IBGE, o Sul é a principal região produtora do país



No final de setembro, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou o ranking da produção de leite no país, que mostra que o Paraná ultrapassou o Rio Grande do Sul conquistando a posição de segundo maior produtor nacional, atrás apenas de Minas Gerais.

Segundo o IBGE, em 2015 os produtores paranaenses atingiram a marca de 4,66 bilhões de litros de leite, enquanto o Estado gaúcho produziu 4,59 bilhões de litros. A produção mineira no mesmo ano foi de 9,14 bilhões de litros. Com isso a região Sul se consolida como a primeira em produção do país, somando 12,3 bilhões de litros em 2015, contra 11,9 bilhões de litros da região Sudeste, que até poucos anos atrás era a principal produtora nacional.

Resultados como este não ocorrem por acaso. São fruto de planejamento, visão estratégica e muito trabalho. Segundo o diretor-executivo do Fundo de Desenvolvimento da Agropecuária

Paranaense (Fundepac) e vice-presidente do Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Paraná (Conseleite), Ronei Volpi, há 14 anos, por ocasião da criação do Conseleite no Estado, produtores e indústria traçaram três grandes objetivos estratégicos para o setor: que a região Sul, por conta das suas características e potencialidades, passasse a ser a principal produtora do país; que o Paraná viesse a se tornar o segundo maior produtor nacional, e, que o Estado se consolidasse como primeiro colocado em qualidade do leite.

“O IBGE mostrou que estamos consolidando esse posicionamento”, afirma Volpi. No que se refere à questão da qualidade do leite, não há indicadores nacionais que possam confirmar a primazia paranaense. “Porém, tendo em vista que temos o mais antigo laboratório de controle de qualidade, que temos várias indústrias de



2º lugar nacional

4,66 bilhões de litros de leite foi quanto o Paraná produziu em 2015



Região Campeã

12,3 bilhões de litros foi quanto a Região Sul produziu em 2015

médio e grande portes com programas de pagamento por qualidade, por termos alguns municípios como os maiores produtores do país e bacias leiteiras altamente especializadas, podemos inferir que somos o primeiro colocado em qualidade do leite no Brasil”, afirma Volpi.

Os números do IBGE confirmam que o setor está trilhando o caminho certo no Paraná. Nesta equação, diversas instituições e iniciativas desempenham um papel fundamental, dentre elas o SENAR-PR, que oferece uma ampla gama de cursos voltados à atividade leiteira, abordando desde as partes técnica e tecnológica, passando

pela gestão e capacitações voltadas à nutrição e genética animal até a qualificação de técnicos que irão prestar assistência técnica aos produtores. São 16 cursos voltados à bovinocultura de leite, sendo oito específicos e outros oito em áreas ligadas à produção leiteira, como cerqueiro, eletricista e administração rural. Entre 2006 e 2015, o SENAR-PR realizou cerca de seis mil cursos na área de leite, que capacitaram milhares de produtores em todo Estado.

Além disso, os cursos voltados à agricultura também trazem benefícios à atividade leiteira. “Um bom produtor de leite deve ser também um bom agricultor”, afirma Volpi. Isso porque mais de 50% do custo de produção de leite estão ligados à alimentação do rebanho.

Há dois anos a FAEP participou da estruturação da Aliança Láctea Sul Brasileira, fórum público-privado permanente que tem como objetivo buscar a competitividade sustentável para o desenvolvimento do setor leiteiro dos três Estados do Sul do Brasil, através da implementação de políticas e iniciativas conjuntas. “A aliança foi a consolidação da região Sul, que representa um verdadeiro país lácteo, com produção superior a qualquer outro país do Mercosul”, observa Volpi.

Outras iniciativas que contribuíram para o avanço da produção leiteira no Estado foram programas como o Leite do Sudoeste, lançado em 2015 pelo governo do Paraná em parceria com o Sistema FAEP/SENAR-PR, com objetivo de melhorar a qualidade do leite, buscando a ampliação de investimentos de laticínios na região, que reúne 42 municípios e responde por uma produção de 1 bilhão de litros de leite por ano.

Na primeira fase do programa, o SENAR-PR realizou o treinamento de 120 técnicos da Emater e de prefeituras da região, com objetivo de promover a instalação de unidades de referência de produção de leite nos municípios. Desde que o programa foi lançado, a produtividade média do rebanho leiteiro do Sudoeste aumentou 20%, passando de 11,5 litros para 14,4 litros de leite por vaca/dia. O programa segue até o ano 2018.

CTP de Castro

Outro vetor de transformação da produção de leite no Estado é o Centro de Treinamento de Pecuaristas (CTP) de Castro, instituição parceira do SENAR-PR. Desde que iniciou suas atividades, há 50 anos, já passaram pelo CTP mais de 14, 5 mil produtores rurais. Os cursos oferecidos são gratuitos e voltados à atividade pecuária.

Segundo o diretor-executivo do CTP, Enio Karkow, nesses anos tanto a origem quanto o perfil dos produtores que procuram os treinamentos da instituição mudou. “Na grande maioria são pequenas áreas, então o leite é compatível com essa condição. Além disso, é uma das poucas atividades que bonifica o produtor rural mensalmente”, observa.

O CTP realiza cerca de 25 cursos na área de leite por ano, divididos em duas modalidades. A primeira voltada para produtores e técnicos e a segunda direcionada a funcionários de propriedades leiteiras.



Ronei Volpi destaca os avanços na pecuária leiteira do Paraná

Natureza e exuberância

Facilmente, estes podem ser considerados os dois principais atributos da centenária Estrada de Ferro da Serra do Mar paranaense, que, por meio de seu trajeto de 110 quilômetros, é reconhecida como uma das maiores obras de engenharia ferroviária do mundo.

Hoje, os passeios de trem pela Serra do Mar paranaense estão entre os principais produtos turísticos do Paraná, reconhecidos em todo o Brasil e até mundialmente – o jornal inglês *The Guardian*, inclusive, classificou o roteiro como um dos 10 passeios de trem mais bonitos em todo o mundo. E, sem falsa modéstia, não poderia ser diferente. Afinal, ele é feito em meio à maior área contínua e preservada de Mata Atlântica do Brasil.

Pelos trilhos que ligam Curitiba a Morretes são transportados, todos os anos, mais de 200 mil passageiros, parte deles a bordo do primeiro trem de luxo brasileiro: a Litorina, operada pela Serra Verde Express há 19 anos, levou nosso turismo ferroviário ao patamar de cartão postal de Curitiba para todo o mundo. E o apelido de cartão postal foi tão forte que mereceu uma série de selos dos Correios, feitos a partir de quatro fotos que apresen-

tam pontos percorridos na ferrovia Paranaguá-Curitiba.

O luxo da Litorina está presente nos grandes e nos pequenos detalhes, que vão desde o vagão até o requintado café da manhã que é servido durante o passeio, junto com um brinde regado a frisante, passando pelo acompanhamento de guias bilingues, exigência que o reconhecimento internacional trouxe ao roteiro.

Antes de alcançar a Serra do Mar, os passageiros vivenciam uma experiência especial de embarque, quando são recebidos com uma taça de champanhe.

Mas, para mim, o maior luxo está no que se vê pela janela. O começo da viagem passa por um trecho urbano, que se inicia dentro de Curitiba e segue até Piraquara, região metropolitana da cidade. Moradores acenam das janelas de suas casas e, algumas vezes, crianças correm acompanhando o trem e saudando os turistas.

Outro destaque da paisagem são as araucárias, árvores típicas do Paraná, que enfeitam e enchem os olhos de quem viaja pelos trilhos pela primeira ou pela centésima vez.

Entrando na Serra do Mar, o passeio se intercala entre a mata fechada e paisagens montanhosas

que se esparramam num horizonte distante e imponente. Os guias lembram a todos que o trem passará por 7% de toda a Mata Atlântica existente atualmente. Mesmo nessa parte, é possível ver gente do lado de fora. São os aventureiros que percorrem o Caminho do Itupava, que sai de Quatro Barras e vai até Morretes. Para participar, é preciso ter fôlego, ritmo, disposição e preparo. Afinal, a caminhada dura entre 8 e 10 horas.

Eis que chegamos a uma das cenas mais famosas do trajeto – mesmo quem nunca foi provavelmente já viu em foto. É o trecho em que nos sentimos “voando” no trem. Isso acontece sobre a Ponte São João e o Viaduto do Carvalho. Nesses dois pontos, temos o prazer de ver a extensão da Serra e todo o verde ao redor. Ao olhar para baixo, o que vemos é um lindo e imponente abismo que divide o palco do espetáculo com outra estrela, a Cascata Véu da Noiva, que é avistada ao horizonte.

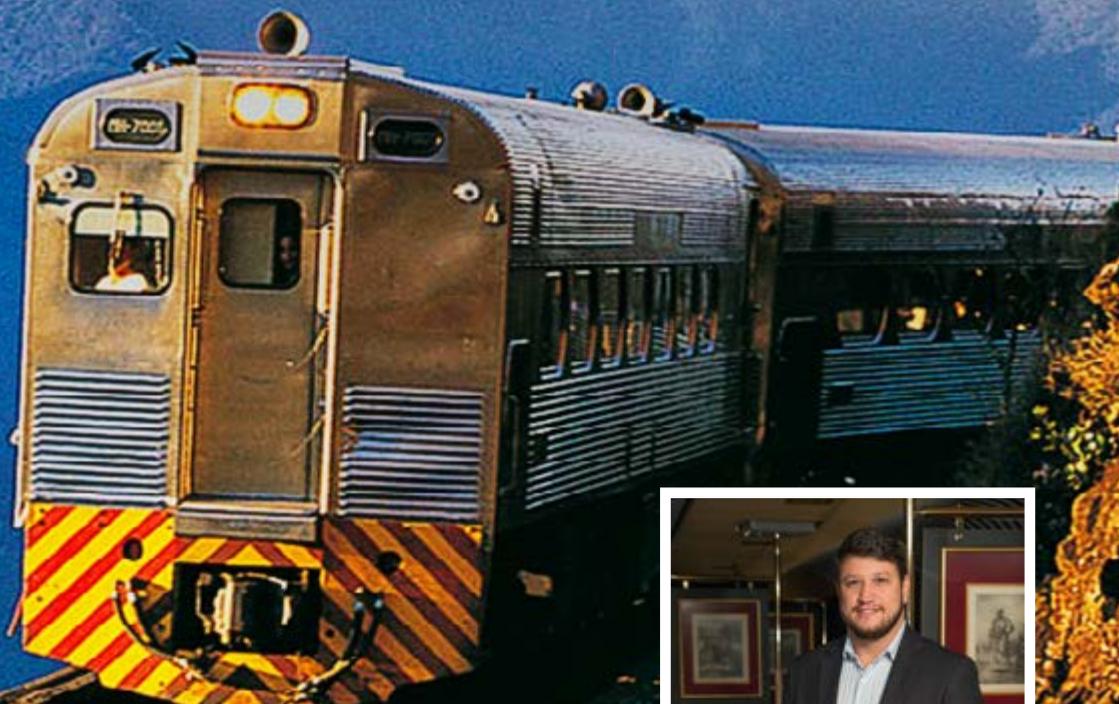
A próxima parada (literalmente) ocorre no mirante do Santuário de Nossa Senhora do Cadeado, onde é possível descer e fazer fotos. Seguindo viagem, podemos contar mais de 10 túneis, dois deles separados por uma fenda natural, nomeada

de Garganta do Diabo. Chegando a Morretes, é a vez das palafitas impressionarem os turistas, por sua quantidade.

Em Morretes, a palavra de ordem é relaxar e aproveitar o destino. Trata-se de um município na região litorânea do Paraná, charmoso pela presença de casarões antigos bem preservados. Por lá, o reinado é gastronômico. Um polo culinário muito particular que serve o famoso barreado, prato típico da região feito a base de

carne cozida e desfiada, imersa em um caldo espesso, servida com farinha e acompanhada, geralmente, de banana. Cozido durante horas sob o atento cuidado de chefs que se especializaram na receita.

Terminamos a refeição e, depois de um tempo na cidade, nos preparamos para o trajeto de volta com uma certeza: em toda viagem, vamos de um encantamento ao outro.



Carioca de nascimento, curitibano de alma e coração, Adonai Aires de Arruda-Filho é um dos maiores conhecedores do passeio que liga Curitiba a Morretes pela Estrada de Ferro da Serra do Mar Paranaense. Afinal de contas, ele, que hoje é diretor-geral da Serra Verde Express, cresceu neste trajeto.

Sucessão Familiar

Como despertar nas novas gerações o interesse pelo campo



O economista Francisco Vila é educador, pesquisador e consultor internacional. Especialista em sucessão familiar, Vila acredita que apesar das inúmeras vantagens do agronegócio há ainda muitas barreiras a se vencer nas relações familiares para garantir a continuidade da propriedade rural. Leia a entrevista de Vila ao Boletim Informativo.

Boletim Informativo - Como reverter o êxodo rural dos jovens?

Francisco Vila - O êxodo rural é um fenômeno histórico global. A população rural nos EUA representa hoje menos de 2%. Atualmente o Brasil conta com cerca de 15% de pessoas que vivem e trabalham em áreas rurais que deverá encolher para 7% a 8% em 2050. Por outro lado o avanço tecnológico e a necessidade do aumento de produtividade para fornecer alimentos a preços compatíveis com o poder de compra do consumidor são tendências que com-

pensam a redução do número de pessoas dispostas a habitar fora das cidades de portes médio e grande.

Visto dessa perspectiva, o êxodo rural, em si, não representa uma ameaça para a produção de alimentos, fibras e energia natural.

No entanto, a incorporação crescente de tecnologias e técnicas modernas, bem como a necessidade de sofisticar as práticas gerenciais exige um perfil de profissional em todos os níveis, desde empreendedor até operador de máquina diferente do tradicional trabalhador do campo. Assim, os interessados que já vivem no espaço rural, bem como jovens urbanos encontrarão uma atividade interessante e economicamente aliciente.

BI - Na sua opinião, quais são as causas desse fenômeno?

FV - As causas do êxodo rural são múltiplas, no entanto perdem intensidade. Hoje o campo oferece ferramentas de trabalho melhores que reduzem o esforço físico. A eletrificação rural permite o uso de televisão e smartphones o que conecta o ser espacialmente isolado ao mundo e o desenvolvimento das cidades do interior providencia serviços de saúde, educação e até lazer bem mais atrativas do que no passado. Porém, até a população reconhecer essa mudança fundamental da qualidade da vida e sem ter noção da dificuldade da vida nas grandes cidades como habitação, horas de transporte e insegurança, essa migração interna vai continuar por um bom tempo ainda.

BI - Qual a melhor estratégia para que a sucessão seja bem feita na propriedade?

FV - A melhor forma de interessar filhos dos donos ou dos funcionários da fazenda é evidenciar a mudança profunda do trabalho no campo. Um carro moderno não tem mais do que seis marchas enquanto um trator com equipamento sofisticado como ar condicionado, GPS, rádio, cria um ambiente de trabalho muito mais atrativo do que muitos empregos na cidade. Outro fator é o grau de independência e variedade do trabalho. Isto permite criatividade, reforça a responsabilidade e recompensa com renda melhor no futuro. São essas perspectivas, quando comparadas com a rotina das atividades urbanas, que podem motivar aqueles que possuem o talento para se tornarem os operadores da agricultura moderna.

BI - Quando o processo de sucessão deve começar?

FV - Em princípio a qualquer momento, pois é importante mostrar a mudança do trabalho e da vida no campo. Naturalmente, fazer os filhos parte da rotina das visitas ao campo, levá-los para conhecer o gerente do banco ou fazer compras na agro-revenda, além de delegá-los pequenas tarefas na fazenda, que até podem ser remunerados, são medidas que inserem os jovens com naturalidade no complexo e fascinante mundo da produção de alimentos.

BI - O que fazer quando os herdeiros não têm interesse pelo trabalho na terra?

FV - Isto não deve ser entendido como problema. Todas as pessoas possuem vocações específicas. Assim, o filho de um produtor pode querer ser médico ou advogado. Mas deve ser evidenciado as grandes vantagens individual, social e econômica da atividade rural para todos os filhos. Para que eles tomem suas decisões com conhecimento da causa e após uma séria avaliação dos atrativos e desvantagens de cada uma

das opções profissionais que estão examinando. Um filho infeliz no campo não produz. Assim seria melhor deixar um gerente tomar conta do negócio.

BI - Os conflitos entre gerações são normais. Como impedir que isso atrapalhe a sucessão na propriedade?

FV - Na sucessão no campo existem três perspectivas que são conflitantes entre si, independentemente do caso específico ou do perfil das pessoas envolvidas. Primeiro o negócio. A atividade rural, cada vez mais complexa, exige um profissional bem treinado e empenhado. A tradicional imagem de que a fazenda pode ficar com o filho com menor talento hoje se inverteu. Terá que ficar com o herdeiro mais competente. A segunda ótica é a visão maternal da justiça. Se dois dos três filhos conseguiram seguir uma carreira bem sucedida como médico ou engenheiro, é natural que a mãe vai defender que a fazenda fique para o menos bem preparado. Mas isso é contrário à exigência do negócio. E, finalmente, além da operação do plantio ou da cria, o fator patrimonial do valor da terra ocupa um papel relevante. Os filhos que não participarão da gestão podem querer receber sua parte antes ou depois do falecimento do pai para financiar suas próprias atividades. Desta forma, o negócio seria prejudicado. Como podemos ver, já existem conflitos naturais de bom tamanho. Tudo isso será ampliado dependendo do grau da união da família e, naturalmente, do perfil de personalidade dos filhos. Falar com antecedência à necessidade de tomada de decisões é o caminho menos traumático para entrar no diálogo sucessório. Avaliar, testar e comunicar as vocações dos filhos muitas vezes já permite a construção de um arranjo que deixa a liberdade para os futuros herdeiros sem prejudicar o legado do negócio familiar.

BI - Qual estratégia pode ser adotada para facilitar o processo de sucessão na propriedade?

FV - O assunto da sucessão ganhou maior visibilidade ao longo dos últimos anos. A mídia se ocupa do tema e existem muitos vídeos educativos sobre o assunto na internet. Os sindicatos costumam oferecer palestras que podem alertar e informar sobre o tema. Naturalmente, trata-se de uma matéria complexa que além da conscientização requer orientação e treino para a construção do modelo individual de sucessão. Cada caso é específico. Um diagnóstico é muito importante para evitar resolver a questão através da imitação de 'casos de sucesso'. A realidade específica definirá o caminho a ser trilhado e esse depende muito do perfil das personalidades envolvidas. Antigamente não existiam ferramentas ou profissionais especializados para ajudar. Isso mudou. Hoje o processo depende mais do empenho do produtor do que da falta de mecanismos de apoio.

BI - Como instituições como a FAEP e o SENAR-PR podem contribuir para que esse processo ocorra sem problemas?

FV - As instituições têm por objetivo orientar seus associados naquilo que é novo ou difícil para eles. Tanto sindicatos como cooperativas devem colocar o assunto da sucessão em seu radar de tratamento regular com os produtores. Palestras, workshops, criação de grupos de trabalho (entre pais ou jovens ou misturando as duas gerações) têm sido praxe nomeadamente nos Estados Unidos. Ao colocar o assunto em evidência as instituições já contribuem de forma efetiva para a resolução desse desafio cuja intensidade cresce com o crescente envelhecimento da população e a já citada tendência do êxodo rural.

Mais 225 toneladas do BHC serão recolhidas no Paraná

FAEP é uma das parceiras com campanha de divulgação, cadastramento e na mobilização dos sindicatos



Entidades de diversos setores assinaram um convênio para o recolhimento do BHC

O convênio com o governo para o recolhimento e destinação do BHC (Hexaclorobenzeno) permitirá que mais 225 toneladas do agrotóxico sejam recolhidas ainda neste ano de propriedades rurais no Paraná e encaminhadas para incineração. O convênio com o Governo do Estado foi assinado dia 4 de outubro.

Coordenado pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, por meio do Instituto das Águas, o convênio para realização do trabalho foi assinado com a Secretária Estadual da Agricultura e Abastecimento (Seab), Emater, Instituto Ambiental do Paraná (IAP), Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar), o Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (Inpev) e a FAEP. “Somos parceiros em todas as ações de preservação do meio ambiente. São grandes campanhas que acontecem na área rural e mesmo não aparecendo no meio urbano beneficiam a todos”, afirmou Ágide

Meneguette, presidente do Sistema FAEP.

O Estado fará a licitação para o recolhimento das embalagens e a previsão é de que os serviços comecem no final de outubro. “Só uma grande parceria como essa que possibilita ao Estado solucionar um assunto tão sério e tão complexo como esse”, destacou o secretário do Meio Ambiente, Antonio Carlos Bonetti.

Para essa nova etapa de recolhimento serão investidos R\$ 1,5 milhão, recursos do Fundo Estadual dos Recursos Hídricos. Proibido na agricultura em meados da década de 1980, milhares de agricultores estocaram ou enterraram o agrotóxico em suas propriedades. Além de graves danos para o meio ambiente, o produto também ameaça a saúde das pessoas, pois é cancerígeno.

Com mais essa etapa da ação, o governo do Estado vai retirar quase três mil toneladas do produto que estavam estocadas no campo.



Norte e Noroeste

A maior parte dos estoques de BHC está nas regiões Norte e Noroeste do Estado, onde se concentravam as lavouras de café e de algodão. Nesta fase serão recolhidos produtos em 400 locais. “Uns 20 desses pontos são de BHC que está enterrado. É possível que a quantidade seja um pouco maior que a estimada quando ocorrer a retirada”, disse Ruy Muller, coordenador estadual de recolhimento de BHC do Instituto das Águas.

O BHC é um produto altamente tóxico que surgiu na agricultura brasileira para combater a broca do café, regulamentado e incentivado pela legislação da época, que estava dizimando cafezais na década de 1950. O BHC teve o comércio, transporte e manipulação proibidos no Brasil em 1985, quando se descobriu que o

produto é cancerígeno. Vários estudos indicam que os resíduos químicos podem não se decompor no solo e contaminam as águas, até mesmo as subterrâneas.

Gestão Sustentável

A FAEP é parceira do projeto desde quando começou em 2009. Na época os agricultores tiveram a oportunidade de declarar a existência do BHC – proibido por lei em suas propriedades rurais – com respaldo da Lei Estadual nº 16.082/2009, que os isentou de quaisquer sanções cíveis, penais ou administrativas, relacionadas à posse desses agrotóxicos. A FAEP realizou uma grande campanha de divulgação do projeto com produção de materiais gráficos (cartazes, cartilhas, folders e materiais de rádio) e empenho na mobilização dos sindicatos.

A FAEP participou intensamente da campanha para o cadastramento dos produtores que possuíam o BHC em suas propriedades. O cadastramento foi realizado em sindicatos rurais, cooperativas, unidades do Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural do Paraná (Emater), escritórios da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Seab), do Instituto Ambiental do Paraná (Iap) ou da Secretaria de Estado do Meio Ambiente (Sema), onde foi declarada a quantidade de BHC, a localização dos produtos, mesmo que enterrados, para posterior recolhimento.

O BHC foi retirado das propriedades rurais, acondicionado em armazéns localizados em 21 regiões do Estado e, depois, encaminhado para incineração. Em 2014, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) premiou o projeto do governo estadual para a retirada do BHC.



Experiências em prosa e verso

Durante dois dias, na primeira semana de outubro, 25 professores e educadores de escolas públicas e particulares de várias regiões do Paraná apresentaram suas experiências pedagógicas desenvolvidas ao longo do ano. A partir do material do Programa Agrinho, os projetos permitiram, com participação direta dos alunos e apoio dos pais e da comunidade, transformar realidades locais. Os vencedores do Agrinho 2016 serão conhecidos no evento de premiação no próximo dia 24, no Expotrade, em Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba. Confira o resumo dos projetos apresentados durante a banca julgadora.

Rede Pública



Município:
Campina Grande do Sul
Escola:
Escola Municipal
Lucídio F. Ribeiro
Professora:
Miria da Rosa Colis

Com o tema “Do arado ao drone: a tecnologia que nos une”, a professora trabalhou junto aos 25 alunos da 1ª série os avanços no campo e como isso colaborou para o bem-estar do produtor e o aumento da produtividade. Diversos utensílios como arado, enxada e drone foram construídos pelos alunos, com colaboração dos pais. Para dar mais veracidade ao tema, a professora organizou uma visita a uma propriedade de agricultura familiar no município.

problemas como alimentação inadequada, falta de atividade física e descanso desorganizado pelo uso desmedido da internet. A professora criou um jogo com o encarte do Agrinho chamado “Caminho de qualidade de vida no campo e na cidade” e um quebra cabeça educativo gigante. Também proporcionou a construção de uma horta na escola, que incentivou a criação de outras nas casas dos alunos que também visitaram um produtor de hortaliça do município.



Município:
Castro
Escola:
Centro Municipal
de Educação Infantil
(CMEI) Pequeno Reino
Professora:
Natali Ferreira Santos

Juntos com os alunos, a educadora realizou um trabalho de revitalização da nascente de um rio na região da zona rural do município. O trabalho envolveu os pais dos alunos, Sindicato Rural, Prefeitura Municipal, comunidade local, entre outros parceiros. O objetivo do projeto era “parar de jogar lixo, pensar numa forma de modificar a nascente e mudar a realidade”. O local da nascente foi limpo, mudas de plantas nativas e frutíferas foram plantadas, a água foi tratada, a ponto de poder ser consumida. Inclusive, uma votação foi realizada para batizar o local.



Município:
Campina Grande do Sul
Escola:
Escola Municipal
Augusto Staben
Professora:
Fabiane Gomes Canestraro

A professora identificou na turma de 26 alunos do 2º. ano



Município:
Castro
Escola:
Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) João Paulo II
Professora:
Ana Ruth Machado de Quadros Barreto

A partir da vida das abelhas, a professora desenvolveu o projeto “Quem disse que a abelha faz mal, ela faz mel” que trabalhou os ensinamentos, valores e curiosidades junto a 28 alunos. Inicialmente, os pais dos alunos não utilizavam o mel na alimentação. O trabalho permitiu que as crianças conhecessem como é a atividade dos apicultores em uma propriedade, degustassem produtos a base de mel e, posteriormente, visitassem um supermercado onde o produto é comercializado.



Município:
São Mateus do Sul
Escola:
Escola Municipal Prof. Ezilda A. Ferreira
Professora:
Nilva Elaine Graboski Zablowski

Localizada em uma vila do município, a escola enfrenta problemas com indisciplina por parte dos alunos e falta de participação dos pais no processo educativo. O projeto “Receita para um mundo melhor” trabalhou a retomada dos valores e a formação do indivíduo por meio de palestras com profissionais, música, intervalo saudável, momentos de relaxamento, tarefas de casa, entre outras atividades. O envolvimento dos familiares aumentou e os alunos modificaram a postura com a introdução de atitudes positivas.



Município:
São Mateus do Sul
Escola:
Escola Rural Municipal João Baptista Distéfano
Professora:
Eliziane Roselene das Chagas de Moura

O projeto buscou resgatar a identidade dos alunos junto ao meio no qual estão inseridos, no caso o rural, e mostrar a importância do trabalho no campo. As ações do projeto foram desde o resgate de brin-

cadeiras antigas, passeios pela região ao redor da escola e a exploração das histórias do Agrinho.



Município:
Nova Laranjeiras
Escola:
Escola Municipal Osvaldino Alves da Silva
Professora:
Eliane Fiori Galvão

O projeto abordou os recursos naturais água, ar e sol junto a 25 alunos para mostrar a ligação entre o campo e a cidade. A partir disso, tópicos como utilidade, poluição e possíveis soluções práticas foram elencadas como mecanismos para proteger o meio ambiente. O trabalho permitiu modificar ações simples do dia a dia e mostrar como, de forma coletiva, o efeito pode ser prático e grandioso. Os alunos acabaram se tornando fiscais mesmo além dos limites da escola, principalmente em casa “cobrando” atitudes corretas dos pais.



Município:
Pitanga
Escola:
Escola Dom Pedro I
Professora:
Mery Terezinha Arruda dos Santos

A segunda arte foi a forma escolhida pela professora para discutir os problemas urbanos e rurais. Os 40 alunos da turma montaram a peça teatral ‘Prá nhá terra’, adaptada do texto de Manoel de Barros, com o propósito de que a arte una o campo e a cidade por meio da linguagem teatral. As apresentações ultrapassaram os muros da escola e aconteceram em outras localidades da comunidade, inclusive em instituições no meio rural. Mais de 1,3 mil pessoas tiveram a oportunidade de assistir a peça.



Município:
Coronel Vivida
Escola:
Escola Rural Maria da Luz
Professora:
Maria J. dos Santos Sartor

A partir do questionamento dos alunos, muitos filhos de pequenos e médios pecuaristas de leite da região, a professora desenvolveu o pro-

jeto "Leite: mudança no campo, desenvolvimento na cidade" que apresentou o processo do produto após deixar a propriedade. Por meio de visitas a fazendas e empresas de laticínio, as crianças conheceram mais da atividade praticada na unidade familiar, permitindo inclusive o início do processo de sucessão familiar. O projeto também organizou o intercâmbio entre os alunos das zonas rural e urbana, permitindo a troca de experiência e o 'esclarecimento' de dúvidas das crianças da cidade. No momento dedicado aos pais, questões técnicas foram esclarecidas em palestras com profissionais da área.



Município:
Renascença
Escola:
Escola Municipal
Professora Ida Kummer
Professora:
Neli Canton Colombo

A experiência pedagógica "Do esforço manual para o conhecimento da tecnologia na agricultura" permitiu construir uma linha do tempo dos instrumentos e procedimentos agrícolas usados no início da agricultura até os dias de hoje. Os alunos visitaram pequenas propriedades que ainda utilizam ferramentas rústicas e as grandes, com o uso de tecnologias, para posteriormente, construir miniaturas. Reconhecido pelo poder público, a prefeitura cedeu um espaço, na área central da cidade, para a instalação do museu agrícola com as réplicas dos utensílios que agora pode ser visitado pela comunidade.



Município:
Marechal Cândido Rondon
Escola:
Escola Municipal Bento Munhoz da Rocha Neto
Professora:
Graciele Cristiane Rambo Grenzel

A experiência pedagógica "Campo que te quero bem" trabalhou durante quatro meses e, em diversas formas, as características da cidade e do campo e a valorização da produção agrícola. A turma com aproximadamente 20 alunos viabilizou múltiplas ferramentas com base no tema, como a produção de um livro, postagem de vídeos na internet e visita a propriedades e feiras agrícolas da região. Ao término, entre outras conquistas, os alunos atingiram a alfabetização, com auxílio do material pedagógico do Agrinho.



Município:
São Miguel do Iguaçú
Escola:
Escola Municipal Serafin Machado de Souza
Professora:
Paula Rosângela Manente

"Lugar de lixo não é na lixeira". Com este tema, a professora procurou sensibilizar os alunos e os pais em relação à produção exagerada de lixo e como isso impacta o meio ambiente. Por meio de diversas atividades práticas, as crianças puderam aprender formas de reaproveitar o lixo orgânico, como a produção de compostagem a base de restos de alimentos e o posterior uso em uma horta. Além disso, elas aprenderam sobre a preparação de receitas gastronômicas com cascas de frutas, produção de sabão a base de óleo de cozinha e a separação do lixo.



Município:
Juranda
Escola:
Colégio Estadual João Maffei Rosa
Professora:
Ana Maria Gonzaga Vecchio

A experiência pedagógica realizou intervenções nas escolas do município quanto ao bullying. Diante do alto índice de ocorrências e de alunos que largaram os estudos por conta do bullying, a professora desenvolveu ações urgentes de combate a essa prática no ambiente escolar. Por meio do trabalho preventivo, criação do Dia D, caixa de pandora, onde os alunos relatam casos sofridos, envolvimento dos pais e da comunidade, a realidade do ambiente escolar foi transformada.



Município:
Engenheiro Beltrão
Escola:
Escola Estadual Arthur Ramos
Professora:
Sharlene Davantel Valarini Machado

A partir da identificação das carências na linguagem escrita, a professora propôs a produção de textos com o auxílio do material pedagógico do Agrinho. A experiência pedagógica intitulada "Minhas histórias também são suas, Paraná!" também permitiu o conhecimento da história do Estado. Ao término,

as redações produzidas foram transformadas, ao lado de ilustrações, em um livro, com direito a noite de autógrafos dos alunos.



Município:
Cambará
Escola:
Escola Municipal
Ignez Panichi Hamze
Professora:
Mara Lucia Dariva Orlandi

O açúcar, tão presente no cotidiano da população, serviu de mote para a experiência pedagógica “Açúcar nossa de cada dia”. Ao longo do projeto, os alunos puderam conhecer o processamento da cana-de-açúcar, desde a época colonial até o momento atual, e também o caminho até a mesa. Além do trabalho em sala de aula, o grupo teve a oportunidade de visitar uma plantação da gramínea, uma usina de processamento e uma de envase do açúcar – a região conta com inúmeras plantações e alguns pais dos alunos são produtores. Além disso, um concurso de receitas foi promovido envolvendo as cinco escolas municipais da cidade. A receita campeã está nos pacotes de açúcar da marca Certano.



Município:
Cambará
Escola:
Escola Municipal
Maria Alice B. A. Forti
Professora:
Renata Carla da Silva

A realidade do município de Cambará foi o ponto de partida para a experiência pedagógica “Agricultura Familiar, eu curto”. Na cidade, 98% das propriedades são familiares. 50 famílias de alunos da escola vêm da zona rural, sendo 18 familiares que fornecem produtos para merenda escolar. Mas, Cambará não tinha a noção da presença deste segmento no cotidiano. O projeto, por meio de diversas ações, como concurso de frases e visita a agricultores, mostrou a força do setor.



Município:
Terra Boa
Escola:
Escola Municipal
Adriano Franco
Professora:
Elaine de Souza
Barbosa Bernardes

A partir de uma questão identificada em sala de aula, um comentário de um aluno em relação ao papel da mulher, o projeto “Flor do campo” trabalhou a valorização da mulher do campo. A experiência pedagógica, por meio de diversas ações, permitiu a recuperação da autoestima de muitas mulheres e, mais, que elas saíssem do anonimato. Hoje, com a presença dos trabalhos manuais na cidade, muitas mulheres se tornaram empreendedoras. Ainda, os 27 alunos da turma passaram a ter consciência da importância das mulheres.



Município:
Douradina
Escola:
Escola Rural Municipal
Vila Formosa
Professora:
Juliana Laurindo

O município de Douradina sofre as consequências da presença excessiva de formigas cortadeiras nas lavouras, florestas de pinus e pastos, o que gera prejuízos financeiros aos produtores. Diante desse cenário, a professora desenvolveu o projeto “Formiga cortadeira - a isca mais eficaz: o conhecimento” para ampliar o conhecimento dos alunos em relação ao inseto e procurar uma forma de ajudar os produtores a combater a formiga. As ações, tanto em sala de aula como no campo, colaboraram para a aproximação entre pais e filhos e contribuíram para a redução da presença da formiga no município.



Município:
Nova Esperança
Escola:
Escola Estadual Cônego
Francisco P. Xavier Lopes
Professora:
Daiane Karla Correia Jodar

A experiência pedagógica “Plante e poeme-se” destacou o trabalho do homem do campo e permitiu inserir os alunos com deficiência, principalmente visual, da APAE no ambiente rural. Os 34 alunos desenvolveram diversas ações, como o plantio de mudas, a construção de uma horta colaborativa na APAE e a produção de poemas sobre o campo. O material foi transformado em um audiobook, permitindo que as crianças da APAE vivenciassem as experiências no campo. Posteriormente, por meio da Secretaria Municipal de Educação, o material foi distribuído a todas as escolas municipais da cidade.



Município:
Marilena
Escola:
Escola Municipal
Naymi Abrão Nasser
Professora:
Simoni Soares Major

A necessidade de combater o desperdício de alimentos e a mudança da educação alimentar foram os pontos de partidas da experiência pedagógica “Alimentação consciente do campo para a mesa da gente”. A partir de ideias criativas, cursos técnicos, palestras com nutricionista e engenheiro-agrônomo, livro de receitas diversificadas e visitas externas, os alunos e seus familiares se sensibilizaram quanto a necessidade do reaproveitamento de alimentos, principalmente as cascas de frutas e verduras. Ainda, para expandir o conhecimento além dos muros da escola, um folheto com as informações foi distribuído na comunidade.

O ponto de partida do projeto “Lixo não é lixo, vamos reciclar” foi sensibilizar e estimular os alunos sobre a importância da reciclagem em relação à preservação do meio ambiente. Para mobilizar a comunidade e os alunos, a educadora desenvolveu diversas ações, dentre elas, palestras, teatro, oficinas, filme e visitas de campo.



Município:
Cândido de Abreu
Escola:
Escola de Ed. Esp. Santa Clara de Assis
Professora:
Josiani Marcos

Conhecer quais são os valores humanos e a relação deles com o meio ambiente é o principal objetivo do projeto. Ao longo da experiência pedagógica, a educadora promoveu palestras sobre questões ambientais. Além disso, também desenvolveu peças teatrais sobre o Rio Ivaí, atividades esportivas e uma visita às Cataratas do Iguaçu, em Foz do Iguaçu.

Rede Particular



Município:
Almirante Tamandaré
Escola:
Escola de Ed. Esp.
Roza Bini de Oliveira
Professora:
Roseli Koehler

A experiência pedagógica destacou a importância da valorização do município de Almirante Tamandaré. Através de pinturas, fotografias, mosaicos e exposições, a educadora estimulou os alunos especiais. Enquanto trabalhava o lado artístico da turma, a professora contextualizava as atividades com material do Programa Agrinho. As ações do projeto envolveram a comunidade e os alunos na coleta de fotos sobre o município resultando na criação de um banco de imagens, assim como um website.



Município:
Goioerê
Escola:
Escola de Ed. Esp.
Padre Anchieta
Professora:
Antonia Luzinette
Guimarães Cainelli

“Uma releitura do campo e a cidade: Semeando Sementinhas”. Com este tema, a professora procurou sensibilizar os alunos sobre a sustentabilidade, com ênfase na coleta seletiva e a reciclagem de lixo. Para estimular o grupo de 21 alunos, a pedagoga desenvolveu diversas ações, como o “Canteiro da Saúde”, onde a turma plantou mudas de hortelã, camomila, entre outras variedades, em um canteiro da escola. Ela também promoveu visitas técnicas a propriedades rurais e a uma agroindústria de reciclagem de lixo na região.



Município:
Cambará
Escola:
Colégio Nossa Senhora das Graças
Professora:
Marileila Ferreira
Oliveira Lupião



Município:
Marechal Cândido Rondon
Escola:
Escola de Ed. Esp.
Pequeno Lar
Professora:
Edamar de Mello

O projeto surgiu durante uma aula de História quando os alunos questionaram como eram as outras escolas tanto na área urbana como na rural. Cartazes, leituras, pinturas, passeios e a utilização do material Agrinho fizeram parte das atividades desenvolvidas ao longo do projeto.

Brasil pode colher 213 milhões de toneladas de grãos



O Brasil deve colher entre 201 milhões e 213 milhões de toneladas de grãos na safra 2016/17. É o que mostra o primeiro levantamento de safra para o atual ciclo, divulgado no último dia 6 de outubro, pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

O número representa um crescimento entre 13% e 15,3% na produção na comparação com o ciclo 2015/16, quando foram colhidas 186,29 milhões de toneladas de grãos. Principal cultura agrícola brasileira, a soja voltou a receber uma estimativa de produção acima de 100 milhões de toneladas. Para os técnicos do governo federal, a colheita da oleaginosa deve ser entre 101,8 milhões e 104 milhões de toneladas, o que significaria um aumento entre 6,7% e 9% no volume.

Em relação às culturas de inverno, o relatório da Conab apenas repete os números estimados para a temporada passada. O trigo, principal lavoura desta época do ano no Brasil, tem uma produção estimada em 6,33 milhões de toneladas.

Área

A área plantada está prevista entre 58,5 e 59,7 milhões de hectares de acordo com o relatório. No cenário de maior plantio, o crescimento previsto é de até 2,3% se comparado com a safra 2015/16, que teve 58,3 milhões de hectares.

Treinamento Pecuária Moderna

O Comitê Regional de Londrina do Programa Pecuária Moderna está com inscrições abertas para o curso que capacitará trabalhadores e produtores que trabalham com pecuária de corte e mista. O prazo para as inscrições termina no dia 19 de outubro e as aulas começam no dia 26 de outubro, com término em abril de 2017. São sete módulos totalizando 56 horas. A programação inclui aulas teóricas e práticas realizadas no Sindicato Rural de Londrina e no Centro Agropecuário de Jaguapitã e visitas a propriedades da região.

Informações pelos fones (43) 3910.1600 e 3272.1705 ou email gayza@emater.pr.gov.br, presidencia@slr.com.br, jaguapita@emater.pr.gov.br e rolandia@emater.pr.gov.br.



ERRATA

O Panorama Agropecuário de fruticultura da edição 1363 afirma que os principais produtores de laranja no Paraná são Paranavaí, Maringá e Londrina quando o correto é Paranavaí, Alto Paraná e Guairacá.

Os dados de produção mundial são da FAO, os de comércio

exterior do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC); da produção brasileira do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE); e do Valor Bruto da Produção (VBP) e da produção estadual do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (Seab).

Um festival de batatas para todos os gostos

Bastante requisitada pelas indústrias e consumidores, tubérculo permite variadas formas de uso



Frita, assada, conservada, in natura, congelada, farinha ou fécula. O enorme leque na forma de consumo coloca a batata como um dos produtos do agronegócio mais requisitados pelas indústrias e consumidores. Por conta do multiuso, o tubérculo, cultivado na maioria dos países, é o quarto alimento mais consumido no mundo, atrás do leite e derivados, trigo e arroz. Em nações em desenvolvimento, principalmente as asiáticas, a produção tem aumentado.

Por aqui, a produção brasileira em 2015 atingiu 3,66 milhões de toneladas, sendo que 88% saíram dos campos das regiões Sudeste (1,88 mi/t) e Sul (1,35 mi/t), de acordo com dados do trabalho “Panorama de mercado das principais atividades da agropecuária paranaense”, desenvolvido por técnicos do Sistema FAEP/SENAR-PR. Minas Gerais ocupa o posto de maior produtor nacio-

nal, com 1,21 milhão de toneladas, seguido pelo Paraná (826,9 mil t), São Paulo (656,4 mil t) e Rio Grande do Sul (399,5 mil t).

Diante deste cenário de alta demanda por parte do mercado consumidor, a batata é produzida praticamente o ano inteiro nos campos do Paraná. Dependendo da região, a cultura tem o plantio da primeira safra entre agosto e novembro, com a colheita de novembro até abril. Já a segunda temporada começa com a semeadura em janeiro até julho e a colheita entre março e setembro.

Os produtores paranaenses plantam o tubérculo de formas específicas para atender mercados distintos. A batata in natura, também conhecida como de mesa, tem variedade, tratamento fitossanitário e adubação diferentes da produzida para a indústria.

“Geralmente os produtores se especializam em batata de mesa ou para a indústria. O produto destinado ao consumidor final

leva em consideração o formato e a beleza de pele. Já para o processamento precisa ter teor de sólido e massa seca dentro dos parâmetros estabelecidos para a fritura”, explica o engenheiro-agrônomo Eduardo Yamamoto, consultor em batata há 16 anos e produtor há cinco.

Yamamoto se especializou em produzir batata de mesa, por acreditar ser um mercado mais vantajoso. Atualmente, o produtor dedica 110 hectares em uma propriedade em Ponta Grossa, nos Campos Gerais. A produção, estimada em 700 sacas de 50 quilos toneladas por hectare, dentro da média estadual, após colhida, segue para um lavador para, posteriormente, ser entregue a atacadistas da Ceasa e redes de supermercado.

Atualmente, o preço pago pela saca gira em torno de R\$ 100, sendo que cerca de R\$ 70 chegam para o produtor – o restante fica com atravessadores. Como o custo de produção está em torno de R\$ 50, Yamamoto contabiliza ganhos reais com a cultura.

“A gente sempre diz que batata plantada não significa batata colhida. Mas nos últimos três anos, o saldo tem sido positivo, inclusive com lucro interessante em certos momentos”, comemora. “O mercado está aquecido por conta do clima desfavorável que tem comprometido a produtividade em algumas regiões”, acrescenta.

O acompanhamento do Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), comprova essa alta de preços recebidos pelos bataticul-

tores paranaenses nos últimos anos. Em 2013, o valor da saca de 50 quilos estava na casa dos R\$ 68,2, com queda no ano seguinte para R\$ 48,4. A retomada se deu em 2015, com os preços girando em torno de R\$ 72,7, até, em julho desta temporada bater em R\$ 88.

Na outra ponta estão os produtores responsáveis por abastecer as indústrias. Neste caso, a situação não está tão vantajosa. As empresas estão pagando cerca de R\$ 60 pela saca.

“Mas é preciso ver que esses produtores estão protegidos caso o preço despenque”, ressalta Yamamoto. “A indústria que determina quanto precisa e qual preço irá pagar. Mas existe um sistema para agradar os fornecedores, pois as empresas têm uma dependência da matéria-prima e não podem correr o risco do produtor trocar de cultura”, explica Christopher Azevedo, engenheiro-agrônomo do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP.

Neste cenário de incertezas está inserido Emilson Menarim e outros sete produtores que plantam batata, de forma coletiva, os 12 meses do ano para fornecer a indústria. Entre agosto e fevereiro, a cultura ocupa lavouras de Castro, nos Campos Gerais. Entre os meses de março e julho, a produção migra para os campos do Norte do Paraná. Atualmente, o grupo está colhendo o resultado do plantio em 2,2 mil hectares.

“De dois, três anos para cá, a situação não é boa. Além de o clima ter derrubado a produtividade, existe o problema de escoamento do produto final para o varejo. Com a crise, as pessoas



cortaram o supérfluo. Assim, as indústrias estão comprando menos”, explica Menarim, que viu a produtividade do grupo cair de 600 sacas por hectare para 550. “Pelo valor que estamos recebendo [R\$ 60 por saca] apenas empata com o custo de produção”, lamenta.

Mesmo com o momento de dificuldade, o grupo não pensa em trocar para batata de mesa, principalmente em função de experiências anteriores. “Com as indústrias, assinamos contrato antes e sabemos quanto vamos receber. Na batata de mesa, fica a mercê de atravessadores e o risco de calote existe, como já ocorreu no passado”, ressalta Menarim.

Alguns grupos de produtores, que reúnem a produção para ganhar escala, realizam os testes de teor de água, coloração e tempo de fritura na própria propriedade para não correr o risco de gastar com frete e a empresa, eventualmente, recusar a carga. Caso a batata não atinja os requisitos pré-estabelecidos pelas grandes indústrias, a produção é destinada para empresas menores, mas que pagam menos.

Concentração

A região Sul do Paraná representa 91% da produção estadual do tubérculo e 20% da nacional. Dos 29 mil hectares dedicados à cultura no Estado na temporada 2015/16, nas duas safras, 27,4 mil hectares estão espalhados pelos municípios do Sul.

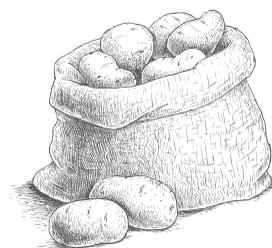
No ranking de Valor Bruto de Produção (VBP) de 2015, Castro, nos Campos Gerais, ocupa o topo com R\$ 114,9 milhões, 9,7% do VBP total da batata no Paraná (R\$ 1,1 bilhão). “Apesar de ser uma cultura secundária em Castro, pois a maioria dos produtores planta

cereais, a batata colabora para girar a economia do município”, diz Menarim, envolvido com a cultura desde 1999.

Na sequência estão as cidades de São Mateus do Sul, com VBP do tubérculo em R\$ 104 milhões. Pinhão, com R\$ 102,6, Araucária, R\$ 86 milhões, e Guarapuava, R\$ 77,5 milhões.

A previsão de área das duas safras da temporada 2015/16 é 2,9% menor em relação a 2014/15. No Paraná, a primeira safra foi prejudicada pelo excesso de chuva durante o plantio, seguido de duas semanas de estiagem no final do cultivo. A produção também deve diminuir 8,6%, totalizando 764 mil toneladas.

VBP 2015



Castro	R\$ 1,1 bilhão
São Mateus do Sul	R\$ 104 milhões
Pinhão	R\$ 102,6 milhões
Araucária	R\$ 86 milhões
Guarapuava	R\$ 77,5 milhões

Fonte: Seab



Umuarama



Piscicultura

O Sindicato Rural de Umuarama, em parceria com a prefeitura de Tapira e com a Emater, realizou nos dias 16 e 17 de agosto, em sua extensão de base em Tapira, o curso Piscicultura - Sistema de Cultivo. Participaram 15 pessoas com a Instrutora Janete Armstrong.

Campina da Lagoa



Comunicação

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou, nos dias 1º e 2 de setembro, o curso Gestão de Pessoas - comunicação e técnicas de apresentação. Participaram 18 produtores e trabalhadores rurais, com a instrutora Luciane Lousano Pimentel.

Londrina



Derivados de Leite

O Sindicato Rural de Londrina promoveu, nos dias 8 e 9 de setembro, o curso de Produção Artesanal de Alimentos - Derivados de Leite. Participaram 16 associados da Associação dos Produtores de Leite de Tamarana (Aproleita) com a instrutora Celeste de Oliveira Mello.

Palotina



Moop

O Sindicato Rural de Palotina realizou, entre os dias 15 e 19 de agosto, o curso Condutores de Veículos - DETRAN - movimentação e operação de produtos perigosos - Moop. Participaram 14 pessoas com o instrutor Aparecido Vieira.

Telemarketing

Recentemente cancelei o serviço de TV a cabo por estar insatisfeita com a empresa. Após o cancelamento, recebi dezenas de ligações da companhia tentando me convencer a voltar a ser cliente. A última foi num sábado antes das oito da manhã e, claro, eu estava dormindo.

-Senhora, podemos lhe dar seis meses de isenção de mensalidade!

-Realmente não tenho interesse.

-A senhora pode, então, oferecer a promoção a um amigo!

Respirei fundo e, já irritada, disse:

-Sinceramente, só recomendaria essa oferta a um inimigo.

Sem problema! A senhora pode me passar o nome e o telefone de seu inimigo?

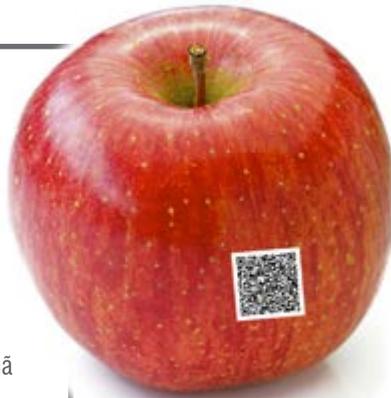


Ovelhas fluorescentes

Para evitar o roubo em seu rebanho de ovelhas, o inglês Pip Simpson as pintou de laranja fluorescente. Resolvido o problema, ficou impossível furtar as ovelhas em Troutbeck, no norte da Inglaterra sem ser notado.

Lamber os cotovelos

Dizem que aproximadamente 70% das pessoas tentam lamber o cotovelo. Embora muitos afirmem que é impossível tal proeza, há estudiosos que postulam que a proeza é para um número muito reduzido de escolhidos. Enquanto isso, continue tentando.

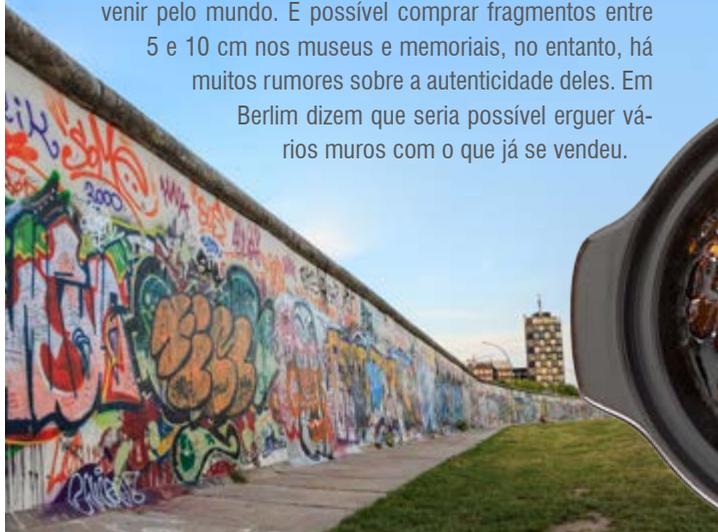


Venda casada

Para impulsionar as vendas, uma associação de produtores de maçã do Japão criou uma campanha em que o consumidor ganha uma consulta dentária que se baseia na análise da mordida no fruto. A maçã Fuji vem com um adesivo com um código QR que dá acesso ao aplicativo inteligente. São quatro mordidas e a resposta a um questionário que é enviada com as fotos da mordida. Um dentista faz a avaliação em 24 horas.

Muro de Berlim

Um dos símbolos da Guerra Fria, o muro de Berlim foi derrubado em 9 de novembro de 1989. Pedacos do paredão de 3,6 metros de altura e 155 km de extensão viraram souvenir pelo mundo. É possível comprar fragmentos entre 5 e 10 cm nos museus e memoriais, no entanto, há muitos rumores sobre a autenticidade deles. Em Berlim dizem que seria possível erguer vários muros com o que já se vendeu.





Tradição não tem idade

O pecuarista Osmar Henquemeier da cidade de Iretama, registrou esse belo momento em que o neto João Miguel honra a tradição da família tomando um bom Chimarrão. Cuidado pra não queimar a boca, João!

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail:

imprensa@faep.com.br

Balut

O paladar é algo que é apurado de acordo com a região em que se vive. Há pratos que parecem impensáveis para muitos, mas que são iguarias para outros. É o caso do Balut, um prato que consiste em ovos de pato, com embriões parcialmente desenvolvido, que são cozidos como um ovo cozido. É apreciado na Ásia, principalmente pelo seu alto teor de proteínas. Está servido?



O tempo da emoção

De acordo com o pesquisador Philippe Verduyn, da Universidade de Leuven, na Bélgica, cada emoção tem um tempo de duração diferente. As que resultam de eventos com pouca importância duram menos tempo, já as emoções de longa duração são resultados de eventos com fortes implicações em sua vida.



A grande aposta

Dr. Michael Burry ganhou uma fortuna e ficou famoso no filme *A grande aposta* que conta a história de como ele conseguiu prever, mesmo sendo ridicularizado por todos, o colapso da economia americana em 2008. Ele ganhou milhões ao ser o primeiro investidor a descobrir a bolha do mercado de hipotecas dos EUA — e apostar contra ela, agora ele investe em água. Segundo ele, a melhor forma de apostar na água é investir na produção de alimentos em regiões onde esse recurso é abundante.



Afinal, o que é SUCESSO?



Aos **02 anos** sucesso é: conseguir andar.
Aos **04 anos** sucesso é: não fazer xixi nas calças.
Aos **12 anos** sucesso é: ter amigos.
Aos **18 anos** sucesso é: ter carteira de motorista.
Aos **20 anos** sucesso é: fazer sexo.
Aos **35 anos** sucesso é: ter dinheiro.
Aos **50 anos** sucesso é: ter dinheiro.
Aos **60 anos** sucesso é: fazer sexo.
Aos **70 anos** sucesso é: ter carteira de motorista.
Aos **75 anos** sucesso é: ter amigos.
Aos **80 anos** sucesso é: não fazer xixi nas calças.
Aos **90 anos** sucesso é: conseguir andar.

Assim é a vida...

Portanto, não perca tempo com coisas pequenas.
Ame, brinque, perdoe, aproveite a vida e... seja feliz!
Ao final, o destino de todos é o mesmo.

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo
porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em / /
Em / /

Responsável _____

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br